

Racismo, colonialismo e Festas Populares no Brasil

Racism, Colonialism and Popular Festivals in Brazil

Ingrid Vale

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal/RN

ingridvalesh1@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-8024-3067>

Recebido em: 05 de fevereiro de 2025

Aceito em: 04 de abril de 2025

Resumo

O livro *Festas Populares no Brasil* oferece uma interpretação interdisciplinar da cultura brasileira, unindo texto e imagem para construir uma análise sensorial e profunda sobre as celebrações populares do país. As fotografias não se limitam a ilustrar o conteúdo escrito; ao contrário, integram o discurso, capturando a riqueza, o movimento e a diversidade das manifestações culturais brasileiras. Por meio dessa interação entre palavra e imagem, a obra proporciona uma imersão visual e analítica, permitindo ao leitor compreender não apenas a vitalidade e o significado dessas festividades na formação da identidade brasileira, mas também o profundo debate sobre racismo e colonialismo apresentado por Lélia Gonzalez.

Palavras-chave: Lélia Gonzalez; Racismo; Festas Populares no Brasil.

Abstract

The book *Festas Populares no Brasil* offers an interdisciplinary interpretation of Brazilian culture, combining text and imagery to construct a sensory and in-depth analysis of the country's popular celebrations. The photographs do not merely illustrate the written content; rather, they integrate into the discourse, capturing the richness, movement, and diversity of Brazilian cultural manifestations. Through this interplay between word and image, the work provides a visual and analytical immersion, allowing the reader to grasp not only the vitality and significance of these festivities in shaping Brazilian identity but also the profound debate on racism and colonialism presented by Lélia Gonzalez.

Keywords: Lélia Gonzalez; Racism; Popular Festivals in Brazil.

GONZALEZ, Lélia. **Festas Populares no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

O livro *Festas Populares no Brasil* foi publicado pela primeira vez em 1987, em uma edição bilíngue (português-inglês) com uma tiragem de 3 mil cópias, patrocinada pela Coca-Cola. Os exemplares foram distribuídos como presentes de fim de ano, em uma iniciativa corporativa. Na época, a obra foi composta por textos da filósofa e antropóloga Lélia de Almeida Gonzalez (1935-1994), acompanhados de fotografias de renomados fotógrafos brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil, o que conferiu ao livro um forte apelo visual (Barreto, 2024). Em 1989, o livro foi premiado na categoria “Os mais belos livros do mundo” na Feira de Leipzig, na antiga Alemanha Oriental. Além disso, esta é a única obra de Lélia publicada durante sua vida em que ela figura como autora exclusiva. Contudo, apesar de sua relevância, a obra tem sido pouco citada no Brasil (Gonzalez, 2024).

Em 2024, a editora Boitempo relança *Festas Populares no Brasil*, com prólogo de Leci Brandão, prefácio de Raquel Barreto e posfácio de Leda Maria Martins. A nova edição preserva integralmente os textos de Lélia Gonzalez e incorpora novas fotografias, incluindo as de Januário Garcia, militante do Movimento Negro Unificado (MNU) e amigo pessoal de Lélia. As fotografias presentes no livro retratam diversas festas populares, como o bumba meu boi de São Luís/MA, as Cavalhadas de Pirenópolis/GO, a celebração de Iemanjá em Salvador/BA e o Carnaval do Rio de Janeiro/RJ, fruto do trabalho de fotógrafos, como Marcel Gautherot, Maureen Bisilliat e Walter Firmo. Desde a década de 1970, Lélia tem refletido sobre a cultura brasileira, e, para ela, tudo o que entendemos por cultura brasileira resulta da intersecção entre as influências africanas, europeias e indígenas.

Em *Festas Populares no Brasil*, texto e imagem se complementam de forma a proporcionar uma interpretação interdisciplinar da cultura brasileira. As fotografias não atuam como meros complementos ao texto, elas são parte integrante do discurso, e revelam visualmente a riqueza, o movimento, a diversidade e a vitalidade dessas manifestações culturais. Juntos, texto e imagem imprimem a compreensão profunda e sensorial das celebrações populares brasileiras apresentadas por Lélia Gonzalez.

No prefácio, Raquel Barreto levanta algumas hipóteses para explicar a falta de uma apreciação mais cuidadosa das contribuições de uma das maiores pensadoras do Brasil. Primeiramente, a dupla atuação de Lélia Gonzalez como acadêmica e militante pode ter levado à percepção de que sua produção era mais ideológica do que epistemológica, comprometendo assim o rigor científico e a seriedade intelectual de seu trabalho. Além disso,

o discurso de Gonzalez sobre a formação social e cultural do Brasil contrastava com a narrativa dominante nas ciências sociais do país, que frequentemente romantizava a escravidão, reiterava o mito da democracia racial e negava tanto o racismo quanto os conflitos e desigualdades sociais dele decorrentes. Ademais, as discussões propostas por Gonzalez ocorreram durante a Ditadura Militar, período marcado pela restrição do debate político. Por fim, é imprescindível considerar o papel do racismo e do sexismo na recepção da obra produzida por uma mulher negra (Gonzalez, 2024).

Em *Festas Populares no Brasil*, a autora oferece uma abordagem para interpretar a formação social e cultural brasileira ao destacar o protagonismo da população negra, especialmente das mulheres, a partir da cultura como um lócus de observação e disputa. Para Lélia Gonzalez, a cultura brasileira é profundamente marcada por sua africanidade. Esse processo histórico se configura na medida em que os escravizados imprimem suas marcas na cultura dos dominadores (Gonzalez, 2024). Gonzalez afirma que, ao examinarmos determinados aspectos da cultura brasileira, é possível perceber que, em suas manifestações, ela oculta e simultaneamente revela as marcas da africanidade que a constituem (Gonzalez, 2018, p. 194).

A incorporação de elementos oriundos de diversas tradições culturais, como as africanas, indígenas e do antigo paganismo, não se limitando ao greco-romano, é essencial para entender as celebrações populares no Brasil. Essa diversidade cultural é fundamental para a desconstrução de classificações impostas de maneira hierárquica. Os verdadeiros agentes desta dinâmica cultural são os indivíduos anônimos das chamadas classes populares, que desempenham um papel crucial na transformação e adaptação dessas tradições (Gonzalez, 2024).

Gonzalez (2024) afirma que a formação cultural brasileira foi moldada por um modelo eurocatólico. Assim, nossas festividades populares ocorrem dentro do contexto simbólico delineado por essa perspectiva. As celebrações amplamente reconhecidas, como Natal, Carnaval, São João e Páscoa, seguem o calendário fixado pela Igreja Católica, o que também ocorre para outras festas de caráter mais restrito. As classes populares, as mulheres, os negros e os indígenas “apropriaram-se do espaço simbólico fixado pelo calendário das festas religiosas católicas e o reelaboram, inscrevendo coletivamente novos sentidos aquelas manifestações” (Gonzalez, 2024, p. 32). Uma vez que as manifestações culturais eram denominadas “populares” ou “folclóricas” por não serem europeias (Gonzalez, 2020; 2024)

Na perspectiva de Gonzalez, ideologias nacionais, como a democracia racial e a miscigenação, perpetuaram-se através de discursos que naturalizam a experiência da escravidão e seus efeitos prejudiciais sobre a sociedade capitalista. Nesse contexto, a autora revisita as formulações do pensamento social brasileiro, que tendiam a enxergar essas ideologias como formas de harmonia social, ao invés de reconhecerem suas profundas implicações na perpetuação das desigualdades e na manutenção de estruturas de poder historicamente desiguais (Gonzalez, 2020).

Enquanto a participação dos africanos e seus descendentes era geralmente considerada secundária, Gonzalez (2024) apresenta uma perspectiva que enfatiza seu papel crucial. Sua análise contrasta com a de autores como Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, especialmente ao evidenciar a violência presente nas relações raciais no Brasil. Além disso, Gonzalez demonstrava consonância com a intelectualidade negra, como Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Beatriz Nascimento, e com pensadores brancos antirracistas, como Florestan Fernandes e Octavio Ianni, que juntos defendiam que a superação do mito da democracia racial era fundamental não apenas para o combate ao racismo, mas também para a construção da democracia política no Brasil (Gonzalez, 2020). Observa-se também, uma significativa influência do pensamento de W.E.B. Du Bois na obra de Lélia Gonzalez.

Gonzalez (2024), ao refletir sobre as festas afro-brasileiras, destaca a profundidade simbólica e cultural que essas celebrações carregam, contextualizando-as como um testemunho da resistência e adaptação das tradições africanas no Brasil. “Afinal, a população negra não veio para o Brasil como imigrante, mas como escrava” (Gonzalez, 2024, p. 99). A autora enfatiza que essas festas não são meros eventos folclóricos, mas sim manifestações de um esforço extraordinário para preservar e recriar formas culturais essenciais, que foram trazidas pelos africanos escravizados e reinventadas em meio às adversidades. “Por meio desse processo de resistência/acomodação, os escravos foram atuando nos espaços permitidos e recriando clandestinamente seus cultos e ritos, seus valores culturais, sob a forma inocente das “brincadeiras de negros”, de folguedos, de batuques” (Gonzalez, 2024, p. 100).

Nesse sentido, a brutalidade da escravidão, não apenas interrompeu os referenciais culturais e sociais africanos, mas também utilizou a mistura forçada de diferentes etnias como uma ferramenta eficaz de destruição das estruturas sociais originárias. No entanto, Gonzalez aponta que, apesar dessa violência, os valores religiosos – pilares fundamentais das civilizações africanas – foram cuidadosamente preservados e adaptados pelos afro-brasileiros.

O aspecto da africanidade defendido por Lélia Gonzalez é evidente quando ela argumenta que nosso idioma não é o português, e sim o “pretuguês”. Esse conceito reflete o caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, bem como a ausência de determinadas consoantes, como o L ou o R, e evidencia uma dimensão subexplorada da influência negra na formação histórico-cultural das Américas. No entanto, essa contribuição é frequentemente ofuscada pelo ideológico processo de branqueamento e relegada a categorias eurocêntricas como “cultura popular” ou “folclore nacional” (Gonzalez, 2020).

Além disso, estudos linguísticos recentes, como os expostos por Shin Suzuki (2024) corroboram com a tese do “pretuguês” de Gonzalez que, em algumas décadas, o idioma falado no Brasil poderá ser chamado de “brasileiro” ao invés de “português”. O Brasil, a principal ex-colônia portuguesa, desenvolveu uma linguagem própria, marcada por ritmos, sons e expressões que diferem do português europeu. Essa evolução linguística reflete a africanidade presente na cultura brasileira e indica que, em um futuro próximo, o “brasileiro” pode ser reconhecido como uma língua distinta, incorporando as contribuições das diversas matrizes culturais que compõem a identidade do país (Suzuki, 2024). Essa mudança reflete a categoria da *amefricanidade*, elaborada por Gonzalez.

Para Gonzalez (2020) o termo “pretuguês” é utilizado para descrever a africanização do português falado no Brasil, reflete a profunda influência das línguas africanas na formação do idioma brasileiro. É importante lembrar que os colonizadores se referiam aos escravizados africanos como “pretos” e aos nascidos no Brasil como “crioulos”. Essa africanização linguística é particularmente evidente não apenas no português brasileiro, mas também no espanhol falado na região do Caribe, onde traços semelhantes podem ser observados. Esse cenário revela a influência africana nas línguas da diáspora africana nas Américas (González, 2020).

Gonzalez (2024) destaca o processo de “duplo ajustamento” (p. 100), vivenciado pelos escravizados para sobreviver na sociedade brasileira. Por um lado, eles se adaptaram às exigências do sistema escravocrata, demonstrando uma aparente obediência ao modelo dominante. Por outro, integraram-se e transformaram essas mesmas exigências em práticas que fortaleceram sua comunidade, e foi capaz de formular a identidade afro-brasileira que mesclava elementos de diferentes culturas africanas com as realidades impostas pelo regime escravocrata.

Nesse contexto, as confrarias negras católicas foram mediadoras ideológicas entre a cultura afro-brasileira e o modelo dominante. A liberdade de associação legal que essas confrarias ofereciam possibilitou o estabelecimento de vínculos que facilitaram outros tipos de encontros e práticas culturais. As irmandades do Rosário e de São Benedito, que reuniam principalmente africanos de origem banta, se disseminou por todo o país, seguidas por outras, como as de Nossa Senhora da Boa Morte, Santa Ifigênia, Bom Jesus dos Marítimos e Nossa Senhora do Parto (Gonzalez, 2024).

Outrossim, Gonzalez (2024) desafia a noção comum de sincretismo, frequentemente atribuída às religiões afro-brasileiras, ao argumentar que as religiões católica e africana são, na verdade, sistemas independentes e paralelos, que não compartilham os mesmos valores ou princípios de realidade. Para a autora, a coexistência do cristianismo e das religiões de matriz africana não resulta em uma fusão ou mistura de crenças, mas sim em uma convivência de sistemas distintos que se complementam na prática religiosa dos fiéis.

Intelectuais negras como Angela Davis afirmam que “aprendi mais com Lélia Gonzalez do que vocês, aqui do Brasil, jamais aprenderão comigo”. Para Davis, é essencial que os intelectuais norte-americanos se empenhem no estudo e na compreensão das significativas contribuições provenientes do movimento negro brasileiro. Essa necessidade é amplamente justificada pelo impacto cultural e religioso do Candomblé, bem como pela influência intelectual de Lélia Gonzalez no pensamento negro universal (Davis et al, 2023).

O posfácio de Leda Maria Martins destaca diversas expressões culturais, como os reinados, tambor de crioula, jongo, rituais de capina, encomendações de alma e a dança de São Gonçalo, e ressalta a importância da obra de Lélia Gonzalez para a compreensão das interações entre europeus, africanos e indígenas. Martins também sublinha o processo de reinterpretação cultural que adaptaram o folguedo do bumba meu boi ao universo simbólico do povo brasileiro, recriando-o a partir da interação entre diferentes componentes culturais. O texto destaca que o bumba meu boi, em sua essência, pode ser considerado um auto popular afro-luso-americano, cuja presença se estende por diversas regiões do Brasil, refletida na variedade de termos que o designam, como boi-bumbá, boi-surubi, boi-calemba, boi de reis no Norte e Nordeste, até o boi de mamão em Santa Catarina e o boizinho no Rio Grande do Sul (Gonzalez, 2024).

Ao final é apresentado o texto “A presença negra na cultura brasileira” publicado no Jornal Mensal de Artes da Galeria de Arte Moderna, n. 37. Nele, Gonzalez (2024) analisa como o discurso dominante na sociedade brasileira historicamente marginalizou as

contribuições culturais dos afrodescendentes, caracterizando essa marginalização como um “discurso de exclusão”. Para a autora, desde as pesquisas iniciadas por Nina Rodrigues até os estudos contemporâneos, os resultados têm sido confinados ao âmbito dos especialistas, sem alcançar o reconhecimento necessário na sociedade em geral.

Gonzalez (2024) critica a forma como as contribuições culturais negras são frequentemente tratadas sob uma perspectiva folclorizante, que as reduz a elementos exóticos ou secundários, e ignoram sua importância na formação da identidade cultural brasileira. Esse processo de folclorização evidencia um desinteresse em reconhecer a presença negra como parte central da realidade cultural do país. Em vez de integrar essas expressões culturais na narrativa histórica nacional, o discurso dominante as marginaliza, e reforça estereótipos através de visão limitada e distorcida da cultura brasileira.

Ainda, a autora identifica que esse discurso de exclusão opera por meio de um mecanismo de reconhecimento-desconhecimento: ele reconhece superficialmente a existência de manifestações culturais negras, mas ao mesmo tempo as exclui do reconhecimento pleno, relegando-as ao esquecimento ou à subestimação. Essa exclusão, segundo Gonzalez, não apenas nega a verdadeira importância das culturas afro-brasileiras, mas também aponta para as limitações intrínsecas do próprio discurso que as exclui. Ao suprimir a complexidade e a riqueza das culturas afrodescendentes, esse discurso revela seus próprios limites e preconceitos (Gonzalez, 2024).

A crítica de Gonzalez (2024) é incisiva ao destacar que o discurso de exclusão não é apenas uma forma de marginalização cultural, mas também uma ferramenta para manutenção do status quo, ao reforçar estereótipos negativos sobre os afro-brasileiros. Ao caracterizar os africanos e seus descendentes como uma massa anônima, primitiva, desprovida de humanidade e valor, o discurso dominante contribui para a perpetuação de uma estrutura social desigual, na qual as contribuições culturais negras são sistematicamente desvalorizadas.

Por fim, o marco decisivo na trajetória contemporânea da militância negra no Brasil foi, sem dúvida, a criação do MNU em 1978 (Pereira, 2010, p. 98 e 165). Contudo, é igualmente relevante destacar que, no campo cultural, um dos elementos mais emblemáticos desse movimento foi o Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo (G.R.A.N.E.S. Quilombo), estabelecido em 1975 pelo renomado compositor e cantor Antônio Candeia Filho, conhecido como Candeia (Treece, 2018).

Em 1978, representando o MNU, Lélia Gonzalez visitou a sede do Quilombo, em Coelho Neto, com o propósito de convidar Candeia para colaborar no evento de inauguração da organização, programado para 7 de julho de 1978. Entretanto, Candeia já enfrentava complicações decorrentes de uma paralisia da cintura para baixo e, em 16 de novembro do mesmo ano, veio a falecer em decorrência de um ataque cardíaco causado por septicemia. Candeia solicitou a Lélia que o representasse no Quilombo, apresentando-lhe o tema que havia desenvolvido para o carnaval do ano seguinte, baseado em suas leituras de obras clássicas sobre a história e etnografia afro-brasileiras (Gonzalez, 1982, p. 45). O samba-enredo “Noventa Anos de Abolição”, composto por Nei Lopes e Wilson Moreira, acabou se tornando uma homenagem póstuma a Candeia e às “lutas seculares contra as injustiças raciais” representadas pelos quilombolas (Treece, 2018).

A obra *Festas Populares no Brasil* é então concluída com a inclusão de documentos, como o plano de curso de Cultura Negra no Brasil, ministrado pela professora Lélia Gonzalez na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, em 1976. E, por fim, com a apresentação do folheto temático do G.R.A.N.E.S. Quilombo “Noventa Anos de Abolição” sobre o samba enredo de 1978. Com anotações à caneta feitas por Lélia Gonzalez, sobre o original de Candeia.

Referências

DAVIS, Angela; COLLINS, Patricia Hill; FEDERICI, Silvia. *Democracia para quem? Ensaios de resistência*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização: Flavia Rios, Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *Festas Populares no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

PEREIRA, Amilcar Araújo. “O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. 268 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

TREECE, David. Candeia, o projeto Quilombo e a militância antirracista nos anos 1970. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 70, p. 166–188, maio 2018.

SUZUKI, Shin. Em algumas décadas, idioma falado no Brasil se chamará "brasileiro", diz linguista português. *GI*, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/educacao/noticia/2024/08/22/em-algumas-decadas-idioma-falado-no-brasil-se-chamara-brasileiro-diz-linguista-portugues.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2024.

BARRETO, Raquel. Lélia Gonzalez captou resistência de negros em festas populares. *Ilustríssima Conversa, Folha de S.Paulo*. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3ep2m8UhgnKYr46z0xgPl0?si=7iK6rMutSFyWpN9lKuY9eA&nd=1&dlsi=7b349f9d04454058>. Acesso em: 27 ago. 2024.